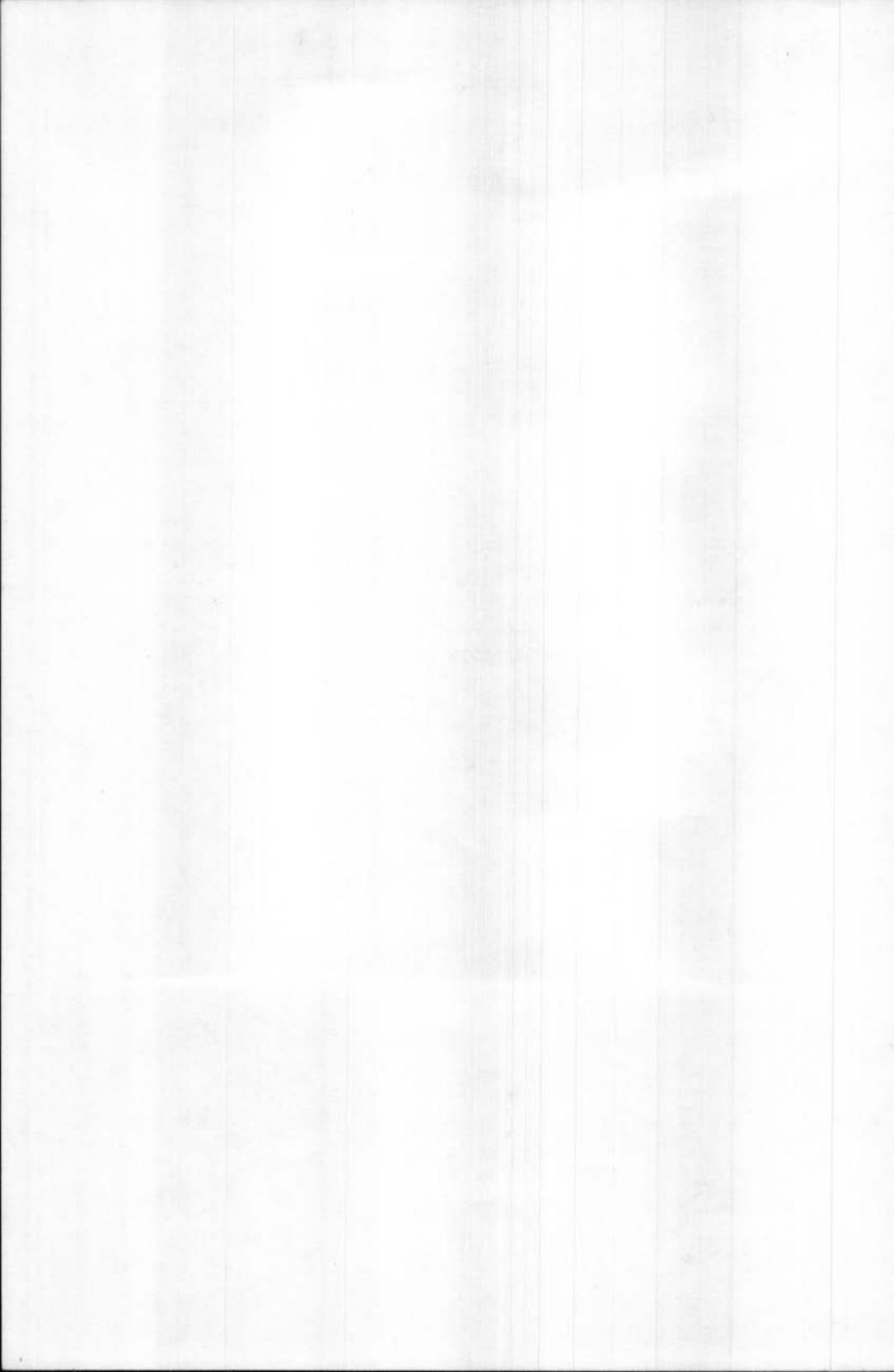


**6a. PARTE  
TRANSCRIÇÕES**



## PELO CENTENÁRIO DE BRÁS CUBAS(\*)

*Dom Marcos Barbosa*

O centenário de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, primeiro dos grandes romances de Machado de Assis, que apareceu em 1880 na Revista Brasileira, leva-nos a tentar uma nova visão do seu autor.

Posto em sossego e bronze à porta da Academia, parece acolher os que entram com as célebres palavras da Esfinge: "Decifra-me ou te devoro. . ." Nenhuma figura tão misteriosa em nossas Letras e, por isso, nenhuma mais digna de presidi-las que Machado de Assis. Ele está sempre a convidar-nos a penetrar cada vez mais no mistério de suas criaturas. E o mistério de sua criatura nos leva, ainda que o não possamos decifrar, ao mistério de seu genial e imortal criador, que por sua vez pode levar-nos — embora de modo indireto, como pretendemos demonstrá-lo ao mistério do Criador Supremo. Do Criador não apenas imortal, mas eterno, que nos tirou do nada e do caos para que fôssemos, e o revelássemos, de certo modo, aos outros.

Segundo Alceu Amoroso Lima, Machado de Assis não seria para a nossa Literatura uma figura estelar, como Camões para a Literatura Portuguesa, mas uma figura constelar para a nossa prosa, partilhando esta glória com José de Alencar, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Mas creio que Machado de Assis pode ser considerado, nessa constelação que tanto o honra, a estrela de primeira grandeza. Não nos leva apenas, como Euclides da Cunha, superando o romantismo indianista, ao realismo do nosso caboclo e dos nossos sertões.

Não nos leva apenas ao índio idealizado de José de Alencar, com que começava a firmar-se a nossa autonomia literária em relação a Portugal. Nem nos leva apenas, como Lima Barreto, ao nosso subúrbio carioca, cantado de modo tão comovente, em *Gente Humilde* ("que vontade de chorar") por Vinicius de Moraes, que acaba de deixar-nos (e que dizia no mesmo poema não crer em Deus, mas lhe fazia uma prece; como em outro, após ter pedido a Deus por tanta gente, pedia-lhe também, se ainda lhe restasse misericórdia, que tivesse misericórdia dele!).

Machado de Assis nos leva — e pretendemos demonstrá-lo — não apenas ao índio, ao sertanejo, ao cidadão, mas ao homem em si mesmo, com seu mistério que transcende tempo e espaço, e acaba então por levar-nos a Deus, pelo

(\*) Estudo publicado no "Jornal do Brasil", de 6 de agosto de 1980.

menos de modo indireto. Pois o homem, colocado em seus abismos, tendo aprendido as **Lições de Abismo** de que nos falou magistralmente Gustavo Corção no livro com esse título, volta-se quase sempre para Deus, como o Salmista no **De profundis**: "Das profundezas clamo a ti, Senhor: /escuta o meu apelo." E chega às vezes à esperança: "Espero em ti, Senhor, e minha alma/ tua palavra espera./ Mais confiante que os guardas pela aurora, /ela espera o Senhor!"

Comparamos o primeiro presidente da Academia, posto em sossego e bronze à sua porta, à enigmática Esfinge: "Decifra-me ou te devoro." E o atual presidente da mesma Casa, referindo-se ao antigo, comenta com grande acerto em seu livro **Fora da Imprensa**: "Se ele tivesse uma alma de cristal, as interpretações seriam supérfluas, inúteis os comentários. O maior interesse das almas está nos recantos obscuros e não nas suas faces iluminadas, evidentes a todos os olhares. São as naturezas problemáticas, que jamais atingiram a realização de si mesmas, permanecendo irrestritas e indefiníveis, que oferecem os filões mais profundos, onde é possível descer como se desce aos abismos das minas, para trazer alguma coisa de novo e verdadeiro. (. . .) A geração de Machado não o viu nem o sentiu qual o vemos e sentimos, e as outras que nos sucederem, graças à acumulação de novas causas e efeitos que estamos encontrando na sua vida e na sua obra, traçarão perspectivas e ritmos imprevistos, para o seu mundo interior, apenas esboçado nos documentos de sua arte." Assim nos anima Austregésilo a expormos em breve relato as pistas que nos foram propostas por dois autores católicos. Ambos, sem nenhum espírito de proselitismo barato, vêem Machado de Assis sob uma nova luz. Barreto Filho em seu inteligentíssimo livro **Introdução a Machado de Assis**, há muito esgotado, mas de que felizmente se anuncia uma nova edição. E Gustavo Corção em seu belo estudo **O Desconcerto do Mundo** e em sua apresentação para o volume da **Coleção Nossos Clássicos**, da Editora Agir.

Bilac nos apresentava a música brasileira como "flor amorosa de três raças tristes", isto é, o português, o índio e o negro; também Machado de Assis nos foi servido, por muito tempo, como a flor amarga da epilepsia, da mestiçagem e da pobreza. Ora o que o exame da vida e da obra de Machado de Assis vem confirmando cada vez mais, pela facilidade e a rapidez com que superou aqueles entraves, é a autonomia do homem em relação ao meio. Como diria Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena." Machado de Assis — "tirando de letra", por assim dizer, os condicionamentos que só muito de leve marcaram as suas letras — mostra-nos a vitória do espírito sobre a matéria, a vitória da qualidade sobre a quantidade. Autor predileto de Machado, Pascal nos convida, ao nos sentirmos tomados de vertigem ante a imensidão dos mundos, a nos lembrarmos que, por seu espírito, o homem é maior que o universo: ainda que o universo nos esmague, sabemos que

estamos sendo esmagados, e ele, que nos esmaga, o ignora. Ilustrando, com sua vida e obra, a vitória do espírito, Machado de Assis já nos coloca, de certo modo, a caminho da Religião. Como também por não ter-se deixado de deslumbrar pela política, pelo mundanismo e pelas viagens, afirmando a excelência e a primazia da vida interior e contemplativa.

Se a Religião pode ser considerada como algo de externo e visível, isto não é o mais importante e Machado de Assis bem o sabia ao comentar de um personagem: *“Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna do ritual excitava-o mais que uma infração dos mandamentos.”*

Em face de semelhante observação, não faríamos a injúria de buscar em Machado de Assis apenas o lado externo ou anedótico da Religião, que ele não deixa também de registrar em *A Semana*, e onde vemos sem dúvida uma recordação da infância, do seu tempo de menino pobre no Morro do Livramento ou em São Cristóvão: *“As semanas santas de outro tempo eram, antes de tudo, muito mais compridas. O Domingo de Ramos valia por três. As palmas que se traziam das igrejas eram muito mais verdes que as de hoje, mais e melhor. Verdadeiramente já não há verde. O verde de hoje é um amarelo escuro.”*

Façamos agora uma citação mais longa, de crônica também em *A Semana*, que nos dispensará qualquer outra para mostrar-nos como a Religião, enquanto ritual e culto externo, está presente na obra de Machado:

*“Ah! não falemos de impassibilidade, que me faz lembrar um caso ocorrido na Matriz da Glória. Imaginai que era a hora da Missa. Havia na igreja pouca gente, era cedo, umas vinte pessoas ao todo. Senhoras ajoelhadas, outras sentadas, homens em pé, esperando. Profundo silêncio. Eis que aparece o sacristão com uma toalha. Imediatamente umas senhoras que estavam orando, mudaram de lugar e foram ajoelhar-se mais em cima, em fila. O sacristão estendeu diante delas a toalha, em que cada uma pegou com os dedos. Já percebeis agora que iam comungar.*

*Desaparece o sacristão, e torna alguns segundos depois, acompanhando o padre. O padre foi buscar o cibório. Chegou às penitentes, tendo ao lado o sacristão com uma tocha acesa. Também já conheceis o gesto e a palavra: “Senhor, eu não sou digno” etc. Ia já na terceira penitente, quando sucedeu uma coisa extraordinária. Aqui é que eu gostaria de ver trabalhar a imaginação dos que me lêem. Cada qual adivinhará a seu modo o que poderá ter acontecido, quando o padre ia dando a sagrada partícula à penitente.*

*Trabalhai, dramaturgos e romancistas: forjai de cabeça mil cousas novas, complicadas, escandalosas e terríveis e ainda assim não atinareis com o que sucedeu na Matriz da Glória, naquele instante em que o padre ia dar à penitente a sagrada partícula.*

*Sucedeu isto: o sacristão distraiu-se, ou fraquejou-lhe a mão, inclinou a tocha, e a manga da sobrepeliz do padre pegou fogo. O melhor modo de julgar o caso é pô-lo em si. Que farias tu? Fogo não brinca nem espera. Tu saltavas; adeus, cibório! penitentes, adeus! E se não te acudissem a tempo, o fogo ia andando, voando, podias morrer queimado, que é das piores mortes deste mundo, onde só é boa a de César. Pois foi o contrário, meu amigo.*

*O padre viu o fogo e não se mexeu, não deixou cair a partícula dos dedos, nem o cibório da mão, não deu um passo, não fez um gesto. Disse apenas ao sacristão em voz baixa: "Apague." E o sacristão atarantado, às pressas, com as mãos tratou de apagar o fogo que ia subindo. O padre olhava só, esperando. Quando o fogo morreu, inclinou-se para a penitente e continuou tranqüilo: "Senhor, eu não sou digno."*

Quanta coisa não podemos concluir desta crônica deliciosa! A primeira, que entra pelos olhos, é que Machado de Assis foi mesmo sacristão em menino ou adolescente. O que minha saudosa amiga Lúcia Miguel-Pereira não encontrou em suas minuciosas pesquisas pelas igrejas onde o menino Joaquim Maria poderia ter exercido tais funções está escrito aqui com todas as letras! Por sacristão poder-se-ia entender não apenas pessoa de mais idade, com várias funções na administração de uma igreja e cujo nome mais facilmente constasse de algum documento, como também rapazes ou meninos, que soubessem (sem compreendê-las) as respostas da missa então em latim e prestassem ainda um ou outro serviço, pelo qual recebessem, conforme o caso, um pagamento conveniente. Menino pobre, órfão de pai e criado com carinho pela madrasta lavadeira, era esta sem dúvida a situação de Joaquim Maria. Isso lhe permitiu entrar muito cedo em contacto com a Bíblia, que era então um livro raro entre os católicos e jamais colocado nas mãos de qualquer um. Terá folheado, na sacristia ou em casa dos padres, alguma tradução portuguesa em mais de um volume, como terá ouvido nos sermões as misteriosas passagens do *Eclesiastes*, que seria seu livro predileto, ou do *Gênesis* e dos *Atos*, que ele recordaria em *Esau* e *Jacó*. Aprendeu então não só toda a nomenclatura litúrgica que vimos na crônica (cibório, sobrepeliz, penitente, partícula etc.), como também o minucioso desenrolar-se do rito da comunhão fora da missa, outrora tão freqüente. Que diferença, por exemplo, de José de Alencar! Quando este, no final de *O Guarani*, conta-nos o batismo de Peri por Dom Antônio Mariz, diz apenas que o fidalgo se limitou a dar ao índio o seu nome e nem lhe ocorre que devia fazê-lo derramar um pouco d'água sobre a cabeça do batizando. . . Machado de Assis, descrevendo tão exatamente o rito da comunhão, nomeando cada objeto e movimento, deve ter-se valido do que viu tantas vezes em criança, acolitando algum padre. Pois a cena descrita se passa na matriz da Glória, que só terá passado a freqüentar depois do casamento e quando se mudou para o Cosme Velho, acompanhando Carolina às missas. Mais tarde ela

também, como nos dá a entender o **Memorial de Ayres**, deixaria de ir à igreja, para não deixá-lo sozinho. Passemos-lhe a palavra:

*Ao domingo, na mesma hora, antes de catar notícias das gazetas, pega em si e no livro; e acompanha a missa toda. Eu, que já sei a hora, não a perturbo nunca; se me acontece por acaso entrar no gabinete onde ela tem o seu altarzinho e o seu Cristo, recuo a tempo, mas não lhe arranco os olhos da página; é como se não entrasse ninguém. Acaba, beija a imagem e torna ao mundo. Não sai de casa sem a beijar primeiro, como um pedido de proteção, nem volta sem fazer o mesmo, ainda vestida e de chapéu, como a dar graças. O mesmo ao deitar e levantar.*

Mas voltemos à crônica sobre a comunhão para observar duas coisas: primeiro um pequeno cochilo do Autor, e depois o discreto louvor ao sacerdote. O cochilo é o seguinte: quando o padre continuou, imperturbável, a distribuir a comunhão, devia dizer, como se fazia outrora “que o Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna!” e não a frase que está no texto e que é dita antes: “Senhor, eu não sou digno. . .” Carolina sem dúvida teria percebido o engano, mas o **Memorial de Ayres**, último livro do marido, foi escrito após a sua morte, justamente para revivê-la na suave figura de D. Carmo, incapaz de ser “doida por morangos” ou “morrer por ouvir Mozart.” Se o romance anterior, **Esaú e Jacó**, ainda foi manuseado por ela, já não tinha tido forças para revê-lo. Isto explica outro cochilo do marido, ao declarar que a tia dos gêmeos é que tivera a idéia — quando rezava o **Credo** — de dar aos meninos, que brigariam pelo resto da vida como Esaú e Jacó, os nomes de Pedro e Paulo. Ora Pedro e Paulo não se encontram no **Credo** nem mesmo como Pilatos, a não ser de um modo geral no **Credo** da Missa, quando se fala na “Igreja católica e apostólica.” Pedro e Paulo se encontram, isto sim, na antiga fórmula do **Eu pecador**.

Vejamos agora o que a citada crônica revela, tão discretamente, de louvor ao padre, a distribuir a comunhão sem perturbar-se com o fogo. É que o sacerdote está de tal modo penetrado pela idéia da presença de Cristo no pão eucarístico, que é capaz de resistir ao impulso de jogar tudo longe para fugir ao incêndio, como o pai ou a mãe, mesmo em face de um perigo, não arremessariam dos braços o filho pequenino. Não vemos realmente, nesta passagem, o seu discreto apreço pelo padre? Outrora, quando crítico teatral e quando acreditava na missão educadora do teatro, escreveu a propósito de um drama em que um padre entrava em cena com um chapéu inadequado: “Não é assim que a arte civiliza; em uma época de marasmo religioso e indiferença pública para os dogmas cristãos, é matar a alma, cavar o céu, derrubar o altar.” Este tom e este estilo, que parecem antes de Rui Barbosa, já não vamos encontrar no escritor maduro, que aprendeu a dizer as coisas com simplicidade, mais sugerir que dizer.

Por estas duas citações, de duas épocas distantes, vemos logo que Machado de Assis jamais foi o anticlerical que alguns pretendem. Quando entra em choque com o clero, quando critica as procissões que lhe parecem contra-produtoras, não é nunca por despreço ao sacerdote como tal e à religião em si mesma. Anima-o, ao contrário, o zelo pela casa de Deus. Assim é que se dirige em crônica de 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1877 “A S. Exa. Revma. O Sr. Bispo Capelão-Mor”:

*Há no livro do Dr. Moreira de Azevedo um capítulo acerca da igreja da Glória, não me refiro à do Outeiro, mas à do Largo do Machado. Nesse capítulo, que vai da página 185 à página 195, dão-se interessantes notícias do nascimento da igreja, da qual traz uma excelente descrição. Diz-se aí, página 190, o seguinte: “Concluiu-se a torre em 1875 (isto é: dois anos antes), e em 11 de junho desse ano colocou-se ali um sino; mas há a idéia de colocar outros sinos afinados para tocarem por música. Para este ponto é que eu chamo a atenção do meu prelado. Que lhe pusessem a torre, uma torre por cima daquela fachada, foi idéia, piedosa de certo, mas pouco de aplaudir-se. Não há talvez segundo exemplo debaixo do sol; tudo aquilo hurle de se trouver ensemble. Contudo, repito, se a arte padece, a intenção merece respeito.*

*Agora porém, Revmo. Sr., há a idéia de lhe porem sinos afinados: com o fito de tocar por música, uma reprodução da Lapa dos Mercadores. A Lapa dos Mercadores era uma igreja modesta, metida numa rua estreita, fora de movimento, pouco conhecida de uma grande parte da população. Um dia deu-se o luxo de sinos musicais: e dentro de duas semanas estava célebre. Os moradores do Largo do Paço, Ruas do Ouvidor, Direita e adjacentes almoçavam musicalmente todos os dias, aos domingos sobretudo. Era uma orgia de notas, um dilúvio de sustenidos.*

E, depois de criticar o repertório com que “o sineiro — perdão, o maestro — dava um cunho jovial ao sacrifício do Gólgota” e de comentar que “estar-se à mesa ou nas cadeiras do Alcazar, salvo o respeito devido à missa, era a mesma coisa”, Machado perguntava:

*Mas que coisa são sinos musicais? Os sinos, Exmo. Sr., têm uma música própria: o repique ou dobre — a música que no meio do tumulto da vida nos traz a idéia de alguma coisa superior à materialidade de todos os dias, que nos entristece, se é de finados, que nos alegra, se é de festa, ou que simplesmente nos chama com um som especial, compassado, sabido de todos. O Miserere de Verdi é um pedaço digno de igreja; mas se o pusessem nos sinos era. . . vá lá. . . era ridículo. Chateaubriand, que escreveu sobre os sinos, que não diria, se morasse ao pé da Lapa? Dirigindo-me, pois, a V. Exa., tenho por fim solicitar a sua atenção para o uso dos sinos musicais, que pode propagar-se na cidade toda, e transformá-la numa imensa filarmônica. V. Exa. pode, com seus paternais conselhos, ter mão ao uso, bastando-lhe dizer que a igreja cató-*



*lica é uma coisa austera, que os sinos têm uma linguagem secular, uma harmonia única. Não a troquemos por outra, que é despojá-los do seu encanto, é quase mudar a feição do culto. Nada mais me resta dizer a V. Exa.” (História de Quinze Dias).*

Seria isto ser contra o Clero ou a Igreja? Não tive eu próprio de protestar anos atrás, felizmente coadjuvado por meu venerando amigo Sobral Pinto, contra a decoração já iniciada num templo, onde as figuras sagradas teriam as fisionomias de Pelé, Gal Costa, Caetano Veloso, Presidente Médici e outros? E creio que não sou anticlerical nem contra a Igreja.

Mexeram com os sinos, logo com os sinos, quando Machado de Assis já nos dava conta, em outra crônica:

*Na véspera de São Pedro, ouvi tocar os sinos. Poucos minutos depois passei pela igreja do Carmo, catedral provisória (provisório que durou até o ano passado), ouvi cantochão e orquestra e entrei. (. . .) Deixei-me estar ali alguns minutos, escutando e dando graças ao Príncipe dos Apóstolos por não haver na igreja do Carmo um carrilhão. Explico-me. Eu fui criado com os sinos, com estes pobres sinos e nossas igrejas. (A Semana).*

Barreto Filho observa: “Nunca foi um anticlerical sistemático. Escreveu páginas de grande beleza e emoção dedicadas a grandes prelados, coisa que um anticlerical não consegue, sendo-lhe difícil a mera justiça, quanto mais a simpatia. Desdenhou toda obsessão e sobrepôs-se sempre ao preconceito e à injustiça. Por isso, depois de suas discussões com padres e jornais católicos, podia traçar o magnífico retrato do Bispo D. Vital, na crônica de 14 de julho de 1878, publicada no Cruzeiro:

*Grave era a compostura do Frei D. Vital, de uma gravidade serena, algo desdenhosa, certa de si. A vestidura episcopal assentava-lhe bem; era antes um complemento do que um ornamento. Ao vê-lo assim, no verdor dos anos, repleto de vida, de ardor e de futuro, mal se poderia supor tão próximo desfecho. Curto foi o episcopado do moço capuchinho; teve apenas o tempo necessário ao início, desenvolvimento e conclusão de uma luta com o poder civil. Terminada a luta, pareceu terminada a missão do prelado; a doença entrou a miná-lo, até que o arrebatou às esperanças de uns e à estima de todos.*

Creio que, com esses exemplos, já demos uma idéia da presença da Religião na obra de Machado de Assis, enquanto considerada sobretudo no seu aspecto visível de culto e ritual. Esforcemo-nos daqui em diante por esboçar a sua religião interior, o seu espírito religioso, a sua fé, se podemos dizer assim, que ele, bicho de concha, soube ocultar tão bem, a ponto de ser tomado por um ateu convicto, como fora também tomado erroneamente por um virulento anticlerical. Muitas vezes a fé se esconde, apesar do dever que temos de proclamá-la. Saint-Exupéry escrevia a sua mãe: “A vida interior. . . É difícil falar da vida interior. Parece pedante, uma espécie de pudor nos impede, mas você

não pode imaginar até que ponto é a única coisa que me interessa". Por isso julgo que o **Pequeno Príncipe**, tão semelhante a Jesus Cristo, foi para o seu autor um modo de expressar, como que numa parábola, sua experiência religiosa, que a morte veio interromper. Como fora extremamente feliz em sua infância, recorreu à infância para exprimir-se. Machado, ao contrário, usará outra linguagem: a do **humor**, que tantos confundem com o sarcasmo, mas que, na magnífica definição de Alceu Amoroso Lima, é a maneira leve de tratar as coisas graves, e a maneira grave de tratar as coisas leves. E, no caso de Machado de Assis, esse homem paradoxal, um modo de esconder o que pensa quando pretende comunicar-se! Não gosta de impor-se, quer ser ouvido em surdina, adivinhado e descoberto, como quem brinca de esconder. E por outro lado, como artista, sabe que a discrição, freqüentemente, fala mais que a eloqüência.

Um outro ponto a considerar-se é que nem sempre se poderá atribuir ao próprio autor, como se fosse o seu pensamento, aquilo que dizem as personagens. Com muito acerto nos adverte Austregésilo de Athayde em seu estudo **Religião e Política na Obra de Machado de Assis**: "O processo de criar um liame irreparável entre o artista e a sua obra, de tal forma que esta seja necessariamente um transunto moral daquele, e não o fruto de um plano objetivo, traçado com materiais colhidos de fora, da experiência e do conhecimento de outras almas, pode induzir em erros e levar a construções disformes. Temo que Machado de Assis haja sido vítima do excesso desse método de indagações críticas. Fazemos, ao pintar o retrato intelectual do mestre, caricaturas surpreendentes, em que ele perde o equilíbrio e a doçura dos traços, a harmonia do conjunto (. . .) Teimamos em fixá-lo na atitude desoladora e mórbida do capítulo final das **Memórias Póstumas**, em que Brás Cubas resume o lado negativo de sua vida, a qual, no entanto, se bem analisada, se verifica que foi mais cheia de favores que os de ordinário concedidos à maioria dos homens."

Nas **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, que este ano faz exatamente 100 anos, e no **Quincas Borba**, publicado 11 anos depois, não somos obrigados a ver *ipsis litteris* as idéias do Autor; Barreto Filho vê em ambos, ao contrário, uma "sátira impiedosa do evolucionismo e do positivismo do tempo, encarnados na teoria do Humanitismo" (ob. cit. p. 104).

Aliás Machado de Assis dispensava as personagens para expressar seu pensamento. Ele mesmo entrava em cena (e o seu romance tem muito de técnica teatral) sem a menor cerimônia, interpelando ou aconselhando o leitor, como o ponto que se pusesse a falar em voz alta. Ou o coro das tragédias gregas, a comentar as ações dos deuses e dos homens, e o destino tido então como inexorável.

Pode ser que os sentimentos de pessimismo e ateísmo expressos pela boca dos personagens ou em suas próprias intervenções fossem muitas vezes

experimentados por ele, pois bem sabemos que a fé se caracteriza por não ser evidente, e não raro os que crêem sentem-se sufocados pela descrença. Lembremos esta confidência de Santa Teresinha na História de uma alma: "Quando quero descansar meu coração, fatigado das trevas que o cercam na reconfortante lembrança de uma vida futura e eterna, meu tormento redobra. Parece-me que as trevas, emprestando a voz dos ímpios, zombam de mim: "Tu sonhas com a luz, com uma pátria impregnada de perfumes, com a eterna posse do Criador dessas maravilhas e crês sair um dia do nevoeiro em que agonizas? Caminha, caminha. . . Alegra-te com a morte que não te dará o que esperas, mas uma noite mais profunda ainda, a noite do nada!"

"A voluptuosidade do nada", podíamos dizer, com Machado de Assis. Se Santa Teresinha foi assim provada, mas acreditou contra toda a esperança e santificou-se nessa noite escura, podemos também pensar que Machado de Assis tenha superado igualmente os momentos de descrença e ateísmo.

O pessimismo de Machado. Léon Bloy nos fala do desespero filosófico, em relação aos homens e às instituições humanas (o que Machado de Assis em parte demonstrou), mas acrescenta que esse desespero, levado suficientemente longe, fecha o círculo e torna-se ardente e fecundo, e tudo espera em Deus. Quem pode garantir que Machado não tenha chegado à esperança?

Gustavo Corção, a quem não se pode negar uma extraordinária penetração e uma sensibilidade especial em problemas da fé, parte da pista aberta por Barreto Filho e vai mais longe ainda. "Os críticos dirão que Machado de Assis era cético, porque deixou de crer na coleção de dogmas assentados pela crença do século; ou dirão que foi pessimista porque descobriu a lágrima das coisas. A descoberta, a nova visão da vida e do mundo, é realmente traduzida em termos amargos, e às vezes em termos de aparente cinismo; mas não poderia ser expressa de outro modo. A não ser assim não poderia marcar o contraste pungente com a credulidade instalada nos falsos valores e desatenta à essencial fragilidade das coisas criadas. Na verdade Machado de Assis nunca foi um cético. Sempre foi um crente, um crente que em certa altura da vida se tornou extraordinariamente perplexo. Um crente que se entregou ao delírio quando consentiu na liberação das forças espirituais que lhe deram uma extraordinária sensibilidade ao desconcerto do mundo. Essa, a meu ver, é a fórmula que, de modo aproximado, pode exprimir o segredo de Machado de Assis: uma desperada sensibilidade aos desconcertos do mundo."

E Corção, depois de afirmar, como quase todos os críticos, que só com **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de que celebramos o centenário, é que começa o verdadeiro Machado, declara em seu livro intitulado **O Desconcerto do Mundo**: "Machado de Assis nunca foi cético. Sempre acreditou em Deus, em Carolina, nos amigos, nas instituições e na Academia. Pode-se dizer que o ceticismo que aparece na obra depois de **Brás Cubas**, e a ironia de que se reveste,

são recursos de que o autor lança mão para exprimir uma profunda e quase indizível experiência. O humorismo de Machado de Assis é uma fórmula, como hoje se diz, é um recurso instrumental de que lança mão o autor para fugir à ênfase e à publicação das lágrimas das coisas. Mais pudor que desalento, mais sublimação que insensibilidade, o humorismo machadiano, como o de Dickens tantas vezes, é uma espécie de lágrima que virou cristal com centelhas de riso. . . Anatole France e Machado de Assis não pertencem à mesma família espiritual, felizmente para nós, já que Machado é nosso.”

Como já se disse insistentemente, e ele próprio o disse, Machado de Assis preferia o *Eclesiastes* entre os livros da Bíblia. Ora, o *Eclesiastes*, segundo a interpretação de sábios comentadores, é um livro existencial, uma espécie de filosofia do absurdo, que nos leva a concluir: se a sorte do homem é o que se vê sob o sol, então a vida é um disparate. E isto, paradoxalmente, nos conduz à fé, a uma vida futura, a Deus, onde tudo um dia encontrará explicação. O destino do homem não pôde limitar-se ao que vemos. E, daquilo que vemos, tiramos um prenúncio do que está escondido.

E Corção prossegue: “Os autores das modernas filosofias existencialistas optaram pelo absurdo. O que vale dizer que não optaram, mas ficaram detidos, imobilizados, sem ímpeto para atravessar o espelho e entrar no mundo das maravilhas. Dessa paralisação da inteligência resulta um pessimismo real, profundo, desconsolado e degradante, que não era, de modo algum, o pessimismo de Machado de Assis. Melhor do que a maioria dos nossos críticos, o inglês que comentou a tradução de *Brás Cubas* chamava a atenção para o que denominou **pessimismo estimulante**”.

“Até seus últimos dias, na desolação da velhice e da viuvez, Machado de Assis conserva intacto o senso moral. Se nos romances parece ter atingido um cansaço de vida e um desconsolo supremo, aí está sua correspondência para mostrar o outro lado do homem que persiste em crer no homem e na realidade moral. E a explicação desse dualismo está no *Eclesiastes*, ou melhor, naquilo que falta no *Eclesiastes*, que é, por assim dizer, um livro onde o principal é justamente o que falta: a notícia da nossa transcendência e da nossa ressurreição. O princípio da complementaridade, que tem tanta importância nas teorias interpretativas da física moderna, e que também dá uma das regras capitais para a interpretação do Livro Santo, mostra-nos o desolado discurso de Qohelet, como um misterioso apelo à outra metade da história, que só mais tarde será revelada. O sábio-louco diz “tenho sede”, como Cristo na cruz, momentos antes da ressurreição. Sede de complemento, de completação, de consumação. Sede de solução.

“Ora, há uma passagem de sua obra onde se vê que Machado de Assis compreendeu muito bem esta complementaridade dos mistérios de Cristo: é aquela em que, ao *Eclesiastes*, contrapõe o *Sermão da Montanha*. Em 25 de

março de 1894, o cronista de *A Semana*, disfarçando com guizos de frivolidade a sua sabedoria, entra a descrever um ofício da Paixão a que assistira. E termina a crônica com aquele seu ar de quem não sabe que está dizendo coisas enormes.

*Soou o cantochão. Chegou-me o incenso. A imaginação deixou-se embalar pela música e inebriar pelo aroma, duas fortes asas que a levaram de oeste a leste. Atrás dela foi meu coração, tornado à simpleza antiga. E eu ressurgi, antes de Jesus Cristo. E Jesus apareceu-me antes de morto e ressuscitado, como nos dias em que rodeava a Galiléia, e, abrindo os lábios, disse-me que a sua palavra dá solução a tudo.*

— *Senhor, disse eu então, a vida é aflitiva e aí está Eclesiastes que diz ter visto as lágrimas dos inocentes, e que ninguém os consolava.*

— *Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados.*

— *Vede a injustiça do mundo. Nem sempre o prêmio é dos que melhor correm, diz ainda o Eclesiastes, e tudo se faz por encontro e casualidade.*

— *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.*

*Mas é ainda o Eclesiastes que proclama haver justos, aos quais provêm males . . .*

*Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino do céu.*

*E assim por diante. A cada palavra de lástima respondia Jesus com uma palavra de Esperança. Mas já então não era ele que me aparecia, era eu que estava na própria Galiléia, diante da montanha, ouvindo com o povo. E o sermão continuava. Bem-aventurados os pacíficos. Bem-aventurados os mansos . . .*

E Gustavo Corção conclui mais adiante, dizendo que "a miséria do homem presta-se à lágrima ou ao riso". E cita Machado: "Eu, fosse ela, preferia que rissem. . ." "Riu-se ele de tudo ou quase tudo, mas esse riso, que a miséria das coisas e dos homens lhe ditava, trazia disfarçado o riso do fim dos tempos. E eu creio não estar forçando a simpatia se disser que há, na obra de Machado de Assis, como no seu manual de sabedoria (o *Eclesiastes*), uma gata borralheira que sofre os prestígios do mundo à espera das transfigurações." (*O Desconcerto do Mundo*, sob o título *Na mesma língua em que chorou Camões*.)

Machado de Assis, disse Corção, acreditava na Academia, acreditava nos amigos, acreditava em Carolina. Creio que bastava acreditar numa só pessoa que fosse, em Carolina apenas, para já não descrer da humanidade. E para já não descrer radicalmente do Criador dos homens e de um Deus que se fez homem. Bastava acreditar em Carolina, para já não descrer da Ressurreição, título por acaso de um de seus livros. No fundo, quando se ama alguém, não se

pode crer que esse alguém se extinga para sempre — a imagem é de André Gide — como um fósforo que se apaga. As religiões pagãs e as próprias cidades antigas se originaram, segundo Foustel de Coulanges, do culto dos mortos, e este de uma crença, por mais vaga ou antropomórfica que fosse, na sobrevivência das almas. E as almas nos levam sempre à “Alma das Almas”, na bela expressão de Marie Noel. Não se compreendem as romarias de Machado de Assis ao túmulo de Carolina, onde determinou que fosse também sepultado, se não acreditasse que ela, como D. Carmo ao Aguiar (“Aguiar sem Carmo é nada.”) o esperava para sempre no “eterno aposento”.

Querida, ao pé do leito derradeiro  
em que descansas dessa longa vida,  
aqui venho e virei, pobre querida,  
trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
que, a despeito de toda a humana lida,  
fez a nossa existência apeteçada  
e num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados  
da terra que nos viu passar unidos  
e ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
pensamentos de vida formulados,  
são pensamentos idos e vividos.

Após este soneto, talvez o mais belo daquele que não foi um grande poeta, mas tangido então pelo sopro interior da saudade e talvez da esperança, que não ousava formular — despeçamo-nos de Machado de Assis.

Está no leito de morte. Sua noite (ou seu dia) se aproxima. “Apesar de ter confessado o seu medo do salto no desconhecido” — narra Lúcia Miguel Pereira — teria dito, segundo o testemunho de D. Guiomar Smith de Vasconcelos, ao lhe proporem um padre: “Não creio. . . Seria uma hipocrisia”. E aqui nos perguntamos se não teria ele, como já em tantos outros, uma idéia errônea do que seja crer, e então crêem que não crêem. E então, menos por descrença que por escrúpulo e um conceito distorcido dos sacramentos, os recusam sem grande culpa.

Mas o último livro do cético, o *Memorial de Ayres*, tem — como comenta Lúcia — “um inconfundível acento de poesia, uma frescura orvalhada, um claro som de cristal”. E a última frase ouvida por José Veríssimo do criador

de Brás Cubas, de Quincas Borba e de Dom Casmurro, foi surpreendentemente de saudade e submissão: "A vida é boa"! Deus também, ao terminar a sua obra, diz o Gênesis, viu que sua obra era boa. E devem ter agradado aos divinos ouvidos essas últimas palavras de Machado.

Começamos dizendo que ele se posta à porta da Academia como a Esfinge: "Decifra-me ou te devoro"! Não conseguimos decifrá-lo completamente, mas o homem manso e humilde que ele foi não nos devora. Dá-nos, ao contrário, o que possamos devorar em nossa fome de absoluto: os seus livros, que aparentemente amargos, podem no entanto, por isso mesmo, levar-nos em busca das doçuras de Deus.

Machado de Assis amava também o Apocalipse, que é um livro de selo, no duplo sentido de mistério e conclusão. Ali encontramos uma passagem em que o vidente suplica ao Anjo, de pé sobre o mar e a terra, que lhe entregue o livro que tem na mão. E o Anjo entrega-lhe o livro, dizendo: "Ei-lo, devora-o; ele te encherá as entranhas de amargura, mas terá em tua boca a doçura do mel" (Cf. Apocalipse 10, 8-10).

Creio que com Machado de Assis, se o soubermos devorar, pode passar-se o contrário: amargar na boca, mas adoçar o coração.